

Reflexões sobre os legados de uma experiência de atendimento psicológico em grupo online a enlutados por covid-19



RESUMO

O objetivo deste texto é mapear e discutir legados da pandemia de covid-19, construídos numa prática de atendimento psicológico a enlutados realizado em grupo, no ano de 2020, com o intuito de registrá-los e transmiti-los às gerações seguintes. O aumento da demanda por atendimento psicológico e as restrições a encontros presenciais impostas por medidas sanitárias levaram à necessidade de buscar alternativas. Uma destas alternativas foi a do atendimento online e em grupo, a enlutados por mortes que produziram intensos sofrimentos devido às rupturas de vinculações afetivas, agravados por repentinas modificações nos rituais de sepultamento. Foram criados grupos heterogêneos, com pessoas de diferentes regiões do país e até do exterior. Como principais resultados, foi possível observar a importância do compartilhamento das experiências de perdas afetivas, do acolhimento mútuo, da flexibilidade nas relações, dos sentimentos de solidariedade e apoio e dos vínculos, que se prolongaram após o encerramento dos grupos.

Palavras-chave: Pandemia; Mortes; Enlutados; Atendimento Psicológico; Grupos.

*Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Campus Assis). Atua como Professora do Departamento de Psicologia Social da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Assis, e como docente permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia e Sociedade da UNESP-Assis. CV: <http://lattes.cnpq.br/7034542530075753>

**Livre-Docente em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Campus de Assis). Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atua como professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Campus de Assis). CV: <http://lattes.cnpq.br/9231261609370258>

Reflections on the legacies of an experience of online group psychological care for those bereaved by covid-19

ABSTRACT

The objective of this text is to map and discuss legacies of the covid-19 pandemic, built on a practice of psychological care for those bereaved, carried out in groups, to record them and pass them on to future generations. The increase in demand for psychological care and the restrictions on in-person meetings imposed by health measures prompted the need for alternatives. One we found was that online and group care for those bereaved by deaths that produced intense suffering due to ruptures in emotional bonds, aggravated by sudden changes in burial rituals. Heterogeneous groups were created, with people from different regions of the country and even abroad. The main results were the importance of sharing experiences of emotional loss, mutual acceptance, flexibility in relationships, feelings of solidarity and support, and bonds, which continued after the groups ended.

Keywords: Pandemic; Deaths; Bereaved; Psychological Care; Groups.

Reflexiones sobre los legados de una experiencia de atención psicológica grupal en línea para personas en duelo por la covid-19

RESUMEN

El objetivo de este texto es mapear y discutir los legados de la pandemia de covid-19, basados en la terapia psicológica grupal para personas en duelo en 2020, con el fin de documentarlos y transmitirlos a las generaciones futuras. La mayor demanda de atención psicológica y las restricciones a las reuniones presenciales impuestas por las medidas sanitarias llevaron a la necesidad de buscar alternativas. Un enfoque encontrado fue la terapia en línea grupal para personas en duelo por fallecimientos que causaron un intenso sufrimiento debido a la ruptura de vínculos emocionales, agravada por cambios repentinos en los rituales funerarios. Se crearon grupos heterogéneos, con personas de diferentes regiones del país e incluso del extranjero. Los principales resultados demostraron la importancia de compartir experiencias de pérdida emocional, apoyo mutuo, flexibilidad en las relaciones, sentimientos de solidaridad y apoyo, y vínculos que persistieron después de la finalización de los grupos.

Palabras clave: Pandemia; Fallecimientos; Personas en Duelo; Terapia Psicológica; Grupos.



O presente artigo é um relato de experiência de trabalho de campo, ocorrida entre os anos de 2020 e 2023, por meio de atendimento psicológico online junto a enlutados por morte de familiares ou outras pessoas com as quais mantinham relacionamentos e laços afetivos significativos em decorrência do vírus da covid-19. Evocar as experiências e as mudanças diversas deflagradas pela pandemia de covid-19, analisá-las, refletir sobre elas e as ressignificar é condição fundamental para que se possa realizar apropriações críticas capazes de contribuir com as orientações rumo à construção do presente e do futuro, tanto no plano individual quanto no coletivo.

Hannah Arendt (2016), filósofa alemã, conhecida por seus trabalhos sobre política, em um de seus escritos sobre as relações entre passado, presente e futuro utilizou como epígrafe de um de seus livros uma frase muito marcante do escritor francês René Char que diz: “Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento”. Com essa frase, a filósofa quer chamar a atenção para as heranças e legados transmitidos de uma geração para a seguinte, sem qualquer testamento, sem qualquer registro que indique claramente o que está sendo transmitido. Os herdeiros podem até suspeitar de que algo lhes foi deixado, porém sem saber exatamente do que se trata. Por isso, precisam vasculhar indícios, buscar ativamente o reconhecimento dos legados que lhes foram deixados, nomeá-los, produzir significações para, então, poderem utilizá-los nas suas prospecções do futuro.

Ao chamar a atenção para as heranças não atestadas, a referida autora toca em um ponto crucial sobre a transmissão dos legados de uma geração a outra, sejam eles de que natureza forem. Se sabemos o que herdamos, ainda que sejam dívidas a pagar, predisposições a doenças orgânicas ou traumas psicológicos, sociais ou políticos, como aqueles deflagrados por guerras ou por pandemias, por exemplo, podemos enfrentá-los e tentar encontrar saídas ou soluções. Mas quando não sabemos, quando não temos conhecimento do que nos foi deixado pelos nossos antepassados ou por gerações que nos precederam, ficamos completamente atados ou desprovidos de alternativas de apropriação, elaboração e utilização do que herdamos, no presente e nas nossas prospecções de futuro. Sem o conhecimento da nossa história coletiva e individual, sem sabermos o que herdamos, sem sabermos o que nos restou dos tempos que precederam ao nosso, ficamos à mercê de forças que, desde o passado, nos movimentam no presente, nos empurram sem que saibamos para o que e para onde. É como se estivéssemos num barco à vela, à deriva, sem sabermos sequer em que direção sopra o vento.

Uma boa parte dos legados socioculturais, senão talvez a maior, nos é desconhecida ou temos apenas um ou outro pequeno indício. A história que conhecemos do nosso país, de outros povos e países do mundo é uma parte muito pequena dos infindáveis acontecimentos, das realizações, dos malogros, das alegrias e tristezas vividas por todos os seus protagonistas. Como tem sido destacado por muitos historiadores, a história que conhecemos é a história dos vencedores ou aquelas versões dos fatos e acontecimentos que se impuseram, de uma forma ou de outra, nos registros e narrativas. Do que não se registrou e não se transmitiu, nada sabemos. Às vezes, ouvimos alguns rumores sobre algo que não foi contado nos livros ou que não foi contemplado na história oficial, mas é muito pouco diante do volume de acontecimentos silenciados, relegados ao esquecimento propositalmente ou não. É imprescindível se apropriar

do passado, das heranças, dos legados que nos foram deixados pela história. O retorno ao passado ou o contato com ele é indispensável para a construção do presente e do futuro. Este empurra o presente para trás, nos impõe a apropriação do passado para que possamos prosseguir nossa caminhada, sem o que ficamos paralisados no tempo.

Os legados dos quais dispomos, deixados por nossos antecessores, sejam eles explícitos ou acobertados, não virão a nós espontaneamente. Nós é que precisamos ir a eles de forma ativa, prospectivamente, trazendo-os para o presente, refletindo criticamente sobre eles e os resignificando. Um esforço maior ainda é necessário se fazer em relação às heranças não atestadas e soterradas na memória individual ou coletiva. Arendt (2016) nos dá alguma indicação do caminho para chegarmos aos tesouros e dívidas que estão soterrados ou submersos na nossa história coletiva. Segundo ela, somente o pensamento e a linguagem são capazes de nos transportarem no tempo, de nos possibilitarem a apropriação dos nossos legados. A saber, uma apropriação investigativa e ativa, capaz de dar sentido, de resignificar e de colocar o que foi resgatado à disposição do presente. Estamos falando de uma atitude de investigação que vai além daquilo que é visível e vem a nós sem maiores esforços, e de encontrar relíquias escondidas ou sequestradas, mantidas em segredo. Uma atitude semelhante a de um arqueólogo que precisa escavar, retirar pacientemente as camadas de terra que encobrem um objeto arqueológico e desvendar seus enigmas.

Assim como podemos escavar ativamente nossas heranças, atestadas ou sem testamento, e tentar passar adiante o que conseguimos nos apropriar e acrescentar a elas, também podemos fazer parte do jogo do esconderijo ou do silenciamento. Períodos marcantes da história, com suas tragédias, rupturas, destruições e reconstruções, deixam legados ou heranças inesgotáveis que são resgatados e resignificados a cada retomada feita em espaços e tempos posteriores, independentemente das distâncias que os separam. Acontecimentos ou períodos históricos mais recentes ou longínquos estão sempre disponibilizados como referências para a construção do presente e do futuro.

A pandemia da covid-19 é um desses marcos da história recente da humanidade que, por um lado produziu tragédias e sofrimentos, ainda incomensuráveis e não inteiramente conhecidos em seus desdobramentos. Por outro lado, produziu transformações econômicas, políticas, sociais, culturais, científicas, tecnológicas e subjetivas, deixando legados que demandam explorações e apropriações rumo à prospecção de um mundo melhor. Legados esses que, no caminho indicado por Arendt (2016), precisam ser escavados, buscados ativamente, registrados, nomeados, significados e utilizados nos enfrentamentos dos desafios do presente e deixados como herança atestada para as gerações seguintes.

E quais legados precisam ser atestados, registrados e transmitidos adiante para o futuro próximo ou mais distante? Com a exposição traumática da realidade da finitude e da morte, quais “tesouros” foram criados e deixados como herança desse acontecimento trágico que precisam ser constantemente lapidados, conforme adverte a filósofa, simbolicamente, em buscas ativas, em mergulhos nesse período, pelos instrumentos da ciência, capazes de produzir significações e resignificações que possam orientar e ampliar as possibilidades de transições entre o passado e o futuro?

Ao lado dos legados deixados pelos conhecimentos e tecnologias que contribuíram para a contenção da pandemia e ampliação dos meios para a defesa da vida, é necessário também recolher e tentar escoar as dívidas ou silenciamentos que ainda persistem, provenientes de ações e de necropolíticas que favoreceram a pandemia. O cantor e compositor brasileiro Milton Nascimento, em uma de suas canções, diz: "e o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir". Nesse sentido, é preciso reacender o luto coletivo, o luto social, processo interminável necessário para tornar a história presente e não encerrada e esquecida num cemitério que volta a ser relegado e mantido à distância, no tempo e no espaço. No presente texto, refletiremos sobre possíveis legados e heranças sobre a morte e o luto na pandemia de covid-19 a partir de uma experiência com grupo de pessoas enlutadas pelo falecimento de entes queridos pelo coronavírus.

A pandemia da covid-19 e legados sobre a morte, o morrer e o luto

Cabe considerar, inicialmente, que o espectro da morte e do morrer, desterrados e potencializados pela pandemia, seus efeitos e impactos, não se fizeram por si mesmos ou por idiosincrasias do coronavírus. A pandemia da covid-19 ocorreu interligando fatores biológicos, econômicos, sociais, psicológicos e políticos. Esse pode ser considerado um legado básico da pandemia. A origem e disseminação do vírus ainda é incerta. Passados cinco anos do decreto de emergência de saúde pública de importância internacional pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ainda há muitos estudos, pesquisas e especulações sobre esse fenômeno. Nesse cenário, disputas políticas e de poder entre governantes em âmbito mundial e local, interesses econômicos, buscas de hegemonia, práticas de corrupção e oportunismos diante do caos e desamparo gerados, principalmente no início da pandemia, foram decisivos tanto para a propagação e elevação de índices de mortalidade quanto para a contenção e controle da doença. Portanto, é necessário realçar a politização da pandemia e tomá-la como um exemplo de como a política atravessa a saúde, não somente em épocas de crise, quando tal atravessamento se torna mais evidente. Estratégias de promoção da saúde, as próprias doenças que se tornam endêmicas ou pandêmicas, os conhecimentos e tecnologias para cuidados e tratamentos, medicações e tudo que mais existe nesse campo está inserido da mundanidade, nas relações humanas com seus inevitáveis jogos de poder.

É nesse pano de fundo ou como parte desse legado maior da pandemia, que será discutido o legado enfatizado neste artigo, que diz respeito à finitude e à morte. A covid-19 acentuou, de forma contundente, nua e crua, essa experiência fundamental da existência humana: a morte como parte indissociável da vida. E o fez desnudando-a, desfazendo as crenças de uma relativa proteção em relação a ela e na segurança da vida, assentadas na medicina, na ciência, dentre outros. Num só golpe, trouxe para bem perto e de forma avassaladora o espectro da finitude e desmontou processos de luto e rituais de sepultamento bem estabelecidos. Até então mantida à distância (Ariès, 2014) e até negada pelas tecnologias voltadas para o prolongamento da longevidade e manutenção de uma vida saudável (Rodrigues, 2011), a morte mostrou-se impiedosamente presente e, ainda, desmontou práticas, elaborações coletivas e simbologias

culturalmente consagradas em ritos funerários e de luto. Até mesmo o processo de morrer, cristalizado nos procedimentos de tratamento médico de doenças graves que permitiam uma elaboração gradativa, tanto pelos acometidos pelas doenças quanto por seus familiares, foi duramente golpeado. Internações prolongadas ou atendimentos médicos domiciliares ou a estratégia de cuidados paliativos, por exemplo, que permitiam o acompanhamento próximo, presencial de familiares ou de cuidadores foram, repentinamente, abolidos como prevenção a contágios e como medidas de contenção da propagação do vírus e do avanço da pandemia (Lopes et al., 2021).

A morte e o morrer minimizados, de uma forma ou de outra, nos seus impactos psicossociais pelas práticas que mantinham a ilusão de um certo controle sobre eles, vieram à tona com toda virulência, mostrando a vulnerabilidade da vida e a fragilidade dos saberes e tecnologias que garantiam sensações de proteção. As recentes conquistas de maior longevidade e qualidade de vida na velhice desabaram diante de um processo de morrer avassalador, marcado pela rapidez e amplitude com o qual ceifava vidas. O cemitério passou a ser um destino comum, reconhecido como um espaço heterotópico, no sentido dado por Foucault (2013), ou seja, um espaço que se tenta desconectar dos demais espaços sociais, complementares entre si, depositário dos rejeitos, daquilo que é expulso por ser considerado letal ou desestruturante da suposta harmonia social. Foucault (2013) caracteriza dois principais espaços heterotópicos: o de desvio e o de crise. As heterotopias de desvios são criadas para conter os desviantes ou as situações que rompem com a norma; as de crise são aquelas que surgem para resolver impasses e desestabilizações que surgem em conflitos que irrompem na normalidade. A abolição dos rituais sociais criados para a elaboração e transição do momento crucial da vida para a morte trouxe à tona o cemitério e suas covas cavadas em fileiras e expostas a céu aberto, como espaço heterotópico central, bastante visível e instigador de imaginações, ansiedades, sofrimentos e de tentativas desesperadas de renovação das defesas e proteções da vida, diante da crueldade do espectro da finitude (Dionísio, 2021).

A dificuldade da elaboração da perda e do início do processo de luto, instituídos culturalmente, trouxe à tona a importância do ritual do velório e do sepultamento que estavam sendo enfraquecidos simbolicamente pelo avanço do mercado sobre eles, substituindo o protagonismo dos familiares por ações mecanizadas e protocolares de profissionais, desde a preparação do corpo até o fechamento do túmulo (Costa e Silva & Araujo, 2022). Conforme pontua Freud (1917/2010), é na falta, mais do que na presença, que se reconhece a importância e intensidade dos vínculos que mantemos com as pessoas, relacionamentos e coisas ao nosso redor. O luto é esse processo que permite a realização de um inventário da vida de quem faleceu, rememorando seus feitos, desafios, sofrimentos e demais realizações ao longo da vida e o momento, também, dos enlutados fazerem revisões, exames, análises de seus vínculos e relacionamentos com ele, quando se abre a possibilidade de reconhecimentos e expiação das culpas. O velório permite a experiência de um luto coletivo. É a ocasião propícia para as pessoas que compunham os círculos social e afetivo mais próximos do falecido compartilharem recordações das experiências e de acontecimentos vividos com ele e, assim, comungarem

alegrias, tristezas e pesares com a perda em comum. Ou seja, um momento de atestar as heranças e legados de quem partiu.

Cabe destacar que o velório e o processo de luto, na cultura brasileira, vinham sendo abreviados e encurtados, dentro de um processo histórico que paulatinamente tendia a distanciar a morte e os mortos de uma presença mais próxima dos vivos e da vida (Correa, 2011). Os cemitérios cada vez mais recuados do cenário urbano, transferidos para áreas periféricas das cidades ou escondidos atrás de muros altos, a profissionalização e mercantilização dos rituais de velório e sepultamento, substituindo os familiares ou conhecidos na preparação dos corpos, na organização dos velórios e na condução do sepultamento, dentre outras estratégias de distanciamento (Ariès, 2014), foram postos em evidência e radicalizados na pandemia, acabando por gerar reações contrárias e tentativas de reconhecimento e revalorização da importância do luto e de uma implicação maior com a morte, o morrer e com os mortos.

As mortes repentinas, traumáticas, enigmáticas, causadas por um vírus com alto poder de propagação e contágio, praticamente desconhecido, no início da pandemia, expondo a vulnerabilidade da vida diante da morte, desmontaram os automatismos, racionalizações e atitudes de aquiescência, resignação, negligência e até de negação diante do morrer. Tal desmontagem foi tão demolidora que afetou pilares de crenças, costumes, simbologias e da socialidade constituída em torno dos rituais funerários. O velório e o sepultamento, mesmo que abreviados e enfraquecidos ao longo do tempo, funcionavam como importantes dispositivos de reunião, de agregação, de encontros de pessoas, de familiares distantes, enfim, se caracterizavam por uma socialidade, diferente de tantas outras. Constituíam-se como rituais que propiciavam o compartilhamento de reflexões sobre a vida e a morte, de afetos e sentimentos, de memórias, capazes de produzir amplos inventários de experiências, da história pessoal e familiar que somente momentos depressivos coletivos são capazes de oportunizar.

Com a pandemia, a morte deixou de ter esse caráter ritualístico agregador. Se desfez de um tom solene que até então acompanhava os rituais fúnebres, passando a fustigar o distanciamento do corpo infectado do falecido e o sepultamento imediato, em caixão fechado. Acabou por instituir o distanciamento e a separação. A morte que, antes, reunia, passou a desunir, a abrandar ou até desfazer laços afetivos e sociais. Conforme bradou Gonçalves (2020) no auge da pandemia, "nem a morte nos reúne". A desunião criada em torno da morte, na pandemia, não se restringiu às proibições de encontros ritualísticos em torno dela, mas abrangeu divergências políticas e de opinião, debates acirrados, ataques pessoais, principalmente por meio de manifestações em redes sociais.

A desagregação de laços sociais e afetivos, inclusive no interior das famílias, que vinha se acentuando, nesse período histórico, por conta do acirramento das disputas de poder, com forte carga emocional e com o crescimento da psicopolítica (Han, 2028), desencadeadora de sentimentos e condutas fraticidas, recebeu o impulso da morte, do morrer e dos mortos na pandemia. Nem o horror diante da irrupção da escalada da morte na tragédia pandêmica foi capaz de deter, no Brasil, o avanço do esgarçamento dos laços sociais e afetivos naquele momento. A covid-19, contribuiu significativamente para que os enlutados tivessem seu sofrimento ampliado e intensificado por uma politização da morte, do morrer e dos mortos

que procurou negar e ignorar o peso das perdas, desresponsabilizar o Estado e a sociedade no agravamento da pandemia, fazendo com que se sentissem completamente desamparados (Moura, 2020).

Tal experiência de luto não reconhecido socialmente (Casellato, 2020) e do efeito desagregador da morte, fez com que surgissem, como resistência, tentativas de reversão da lógica da necropolítica, do descaso e da negligência que se fortaleceu na pandemia. Dentre essas tentativas surgiram iniciativas que procuravam restabelecer uniões e grupalizações em torno do espectro da morte, dos corpos insepultos e do luto traumático. A desagregação de relações e de vínculos psicossociais trouxe, em contrapartida e como legado, o reconhecimento de suas importâncias e a busca de soluções para os sofrimentos sociais e psíquicos nos encontros com os outros, no compartilhamento, no coletivo, nas grupalidades. Isso foi possível após o período mais agudo da pandemia, com o avanço do controle da doença, principalmente com a vacinação em massa, permitindo a flexibilização das medidas de distanciamento e o restabelecimento progressivo das relações presenciais.

Experiências com grupos de enlutados

As práticas da Psicologia foram bastante afetadas pela pandemia. Os alertas sobre os riscos e perigos dos encontros presenciais, mesmo em pequenos grupos ou até entre duas pessoas, atingiram fortemente uma das principais ferramentas de trabalho do psicólogo, nas diversas áreas de atuação. A prática clínica, nesse sentido, tornou praticamente inviável o atendimento presencial. Os atendimentos em consultórios particulares, nos serviços públicos de saúde, os atendimentos em comunidades e coletivos, típicos da área de Psicologia Social, passaram a representar um risco para a disseminação do coronavírus. As dificuldades foram tamanhas que o Conselho Federal de Psicologia, sempre cuidadoso e restritivo com os atendimentos à distância, pela internet, não encontrou outra alternativa senão regulamentar e liberar o uso desse canal de comunicação no exercício profissional.

Os impactos psíquicos da pandemia aumentaram as demandas de atendimento psicológico e não havia outra saída senão abrir a alternativa do atendimento à distância, ainda que não fosse considerado o mais apropriado. Uma resolução, baixada em março de 2020 (Conselho Federal de Psicologia, 2020),² reconheceu a situação de excepcionalidade criada pela pandemia e passou a facultar a todo psicólogo o atendimento em ambiente virtual, contudo, mantendo a obrigatoriedade de cadastro junto a esse órgão de fiscalização do exercício profissional. Essa medida provisória, tomada em caráter de urgência, acabou sendo incorporada à regulamentação do exercício profissional do psicólogo e permaneceu após o período da pandemia, aumentando consideravelmente a demanda e as ofertas de atendimento psicológico. Em 31 de agosto de 2024, o Conselho Federal de Psicologia baixou uma outra

² Conselho Federal de Psicologia (2020). Resolução nº 4, de 26 de março de 2020. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do covid-19. <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao&q=004/2020>

resolução (Conselho Federal de Psicologia, 2024),³ revogando as anteriores, retirando o caráter de provisoriedade, até então em vigor, para atendimentos de “prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologia da informação e da comunicação (TICs)”. Porém, manteve a obrigatoriedade do cadastro do profissional, junto ao CFP para atendimentos nessa modalidade.

Foi nesse contexto complexo e desestruturante das práticas de Psicologia estabelecidas e regulamentadas pelos órgãos competentes que nos defrontamos com impasses e impossibilidades em nosso campo de trabalho, trazidas pela abrupta nova realidade da pandemia. Assim como outros pesquisadores e profissionais, de diferentes especialidades da Psicologia (Costa e Silva & Araujo, 2024; Gil et al., 2023; Kallas et al., 2022; Alves et al., 2020; Sola et al., 2021), acabamos por encontrar no atendimento online em grupo uma alternativa diante dos desafios colocados pela pandemia. À época, em 2020, supervisionávamos estágios curriculares do curso de Psicologia de atendimento a idosos. Um instalado numa Instituição de Longa Permanência (ILPI) e outro na Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA), em uma clínica-escola da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Assis.

Em ambos, não foi possível dar continuidade ao trabalho dos estagiários, ainda mais por se tratar da população idosa, que foi alvo principal das primeiras medidas de prevenção, baseadas no distanciamento social. Também pelas características dessa população, não foi possível substituir o atendimento presencial pelo atendimento remoto, utilizando recursos da informática. Não havia equipamentos, nem familiaridade dos idosos com o ambiente virtual e nem pessoal para dar assessorias e treinamentos necessários.

Concomitantemente à suspensão dos estágios de forma presencial, foram chegando demandas de atendimento possíveis de serem realizadas na modalidade online. Dentre elas, se destacavam as queixas em relação à morte de pessoas com forte investimentos afetivos e os consequentes sofrimentos psíquicos, provocadas não apenas pela perda, mas também por um luto que foi impactado pelas drásticas mudanças no processo de sepultamento, que inviabilizavam as devidas formas de manifestação de pesar e de despedida consagradas pela cultura. A situação pandêmica não favorecia e nem criava alternativas para a continuidade do processo de elaboração do luto após o sepultamento.

Diante da crescente demanda, pusemo-nos a trabalhar para criar meios para responder a ela, para realizar algum tipo de escuta e acolhimento dos enlutados que pareciam lidar com seus mortos à feição de Antígona (Anouilh, 2009), em profundo sofrimento pelo impedimento de um sepultamento digno. O volume e significações das queixas e sofrimentos nos pareceu algo diferente do que ocorria na pré-pandemia. Trazia novos sentidos, experiências incomuns, em estado bruto, sem recursos individuais e coletivos para se lidar com elas, para escoá-las rumo a uma solução ou lapidação. Os sofrimentos pelas perdas de entes queridos, amplificados pelas imagens avassaladoras da morte em massa, pelos relatos dos sofrimentos dos outros,

³ Conselho Federal de Psicologia (2024). Resolução do Exercício Profissional nº 9/2024, 26 de março de 2024. Regulamenta o exercício profissional da Psicologia mediado por Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação. <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao&q=04/2020>

pelo noticiário que a cada dia atualizava o crescente número de mortos, tornaram a morte extremamente presente e ameaçadora e, como ela, o sofrimento adicional pela desestruturação dos rituais fúnebres.

O luto chegou até nós, do campo da Psicologia, estudiosos da finitude, como dos principais problemas, desafios e fontes de sofrimento psíquico. A partir das primeiras demandas que começamos a receber em nossa universidade, começamos a cadastrar e a realizar os primeiros atendimentos online. Ao longo de nossa trajetória profissional havíamos acumulado larga experiência de trabalho com grupos e verificado sua potência no atendimento psicológico a idosos (Justo et al., 2021). Porém, não tínhamos qualquer noção do que seria operar com grupos na internet. Outro dado desafiador dizia respeito ao fato de que os grupos que foram sendo formados eram bastante heterogêneos quanto aos marcadores sociais. O que havia em comum era o fato de serem pessoas acima de 18 anos que estavam vivenciando o luto pela perda de um ente querido (ou mais) pela covid-19. A possibilidade de fomentar grupos de acolhimento pela internet ampliou consideravelmente as oportunidades de participação de pessoas de regiões distantes da cidade sede do Projeto: a cidade de Assis, localizada no interior do estado de São Paulo. Foi possível o encontro de pessoas de regiões do país, inclusive, de brasileiros residentes no exterior, conectados pela singular experiência de perda no contexto pandêmico.

Organização e funcionamento dos grupos

Os grupos foram formados a partir das demandas que chegavam. Era feita uma entrevista inicial individual, na qual se averiguava a pertinência da queixa, se explicava o tipo de atendimento que seria feito e, no final, se estabelecia o contrato de compromisso entre as duas partes. A partir da entrevista ocorria a triagem para o grupo. Foi estabelecido um máximo de 12 participantes para cada grupo e, na medida do possível, procurou-se manter a heterogeneidade quanto ao gênero, idade, região de residência, raça, escolaridade, profissão, classe social, tempo de luto e outras características pessoais.

O trabalho com os grupos transcorreu de outubro de 2020 a junho de 2023. No total, foram formados oito grupos, que se reuniam virtualmente, por uma hora e meia, uma vez por semana. Eles foram sendo encerrados na medida em que os participantes julgavam terem ultrapassado o período mais crítico da experiência de luto e capazes de continuarem lidando com a perda autonomamente. Cada grupo foi coordenado por uma equipe de até quatro estagiários do curso de Psicologia do quarto e quinto anos, que se distribuíam nas funções de liderança, observação da dinâmica grupal e de intervenção nos momentos necessários para a retomada do foco ou proposição de novas questões a partir de emergentes grupais. As supervisões do trabalho dos estagiários eram feitas também em grupo, com as equipes reunidas, para discussão do andamento de cada um, dos problemas e impasses enfrentados, elaboração dos emergentes emocionais dos estagiários, possibilidades de intervenções, lapidação do ambiente virtual e da tecnologia utilizada e demais questões que afluíssem. De outubro de 2020 a julho de 2022, as supervisões teóricas e práticas eram

também realizadas em ambiente virtual, uma vez que a universidade optou pelo ensino remoto até agosto de 2022.

O referencial teórico/prático adotado foi o do ECRO (Esquema Conceitual e Referencial Operativo) ou o do grupo operativo, desenvolvido por Pichon-Rivière (1983). Basicamente, o ECRO pichoniano propõe a compreensão do sujeito e a produção de subjetividade num contexto relacional, no qual se produz um interjogo de papéis e funções que conectam o individual e o grupal, pensamentos, emoções e afetos, implícitos e explícitos, ações recíprocas e transformações criativas de si mesmo, do outro e do coletivo. Portanto, no grupo operativo, a existência de uma tarefa comum é essencial. Em torno dela que constroem as interações entre os membros do grupo, os papéis, prescritos e emergentes, que surgem intenções explícitas e implícitas, os processos de identificação e projetivos, os processos defensivos, integrativos, dissociativos etc. São esses processos que colocam o grupo em movimento, em funcionamento e possibilitam, mediante a compreensão e elaboração dos acontecimentos grupais, o avanço na realização da tarefa que sempre implicará mudanças nos sujeitos e na realidade ou nos contextos vividos por eles. A tarefa dos grupos era, precisamente, a elaboração das experiências das perdas de vínculos sociais e afetivos, a elaboração dos lutos, dificultada pelo contexto da pandemia. Para manejo e compreensão das questões relacionadas aos processos de luto, adotamos os modelos teóricos de Parkes (1998), Stroebe e Schut (1999) e Worden (2013), além das contribuições de Franco (2021), Casellato (2020), dentre outros.

Alguns legados da experiência de trabalho com grupos de enlutados na Pandemia

Grupalização

Nossa experiência de trabalho com enlutados na pandemia demonstrou cabalmente que, diante de uma crise extremamente destruturante e de situações de desamparo, a busca do outro aparece como um dos principais recursos. Numa época em que o individualismo e o afrouxamento dos laços afetivos e sociais tendem a se acentuar (Araújo, 2024; Buciano do Rosário, 2019) e passa a ser naturalizado, o espectro desenfreado e avassalador da morte, irrompido na pandemia da covid-19, produziu um sentimento de pânico desestabilizador das normalidades até então instituídas em todas as dimensões da vida. Contradições mantidas aquietadas por pactos sociais e tamponamentos de sofrimentos psíquicos se radicalizaram, disparando buscas de soluções para problemas econômicos, sociais, políticos e psicológicos marcadas por incertezas e conflitos de toda ordem. Dentre as tantas tentativas de busca de saídas ou de enfrentamento do caos provocado pela pandemia, foi possível identificar duas antagônicas: uma que acentuava o individualismo, tentando encontrar a salvação de si, às expensas do coletivo (Casellato, 2020), e outra, contrariamente, que procurava proteções em salvaguardas comuns a todos ou compartilhadas socialmente.

O que chegou a nós foi exatamente a queixa do desamparo e da solidão e a disposição para enfrentar, especificamente, as angústias relacionadas às experiências do luto, cortadas pela pandemia. Foi muito comum, nos grupos, a queixa da falta de um reconhecimento social do sofrimento pelas perdas, pela morte de entes queridos no contexto da pandemia,



tanto por autoridades governamentais quanto por pessoas próximas. Segundo várias falas, compartilhadas nos grupos, era muito traumático ouvirem de autoridades manifestações de descaso e de insensibilidade para com as mortes e os sofrimentos amplificados pelas mudanças nos rituais de sepultamento, como também de pessoas próximas que procuravam dar consolo, tentando diminuir o pesar das perdas ou considerá-las como inevitáveis, dentro da tragédia da pandemia ou, ainda, como uma inquestionável vontade de Deus. Os grupos mostraram a busca da associatividade, do outro e do estar junto, como possibilidade de enfrentamento de situações extremas e desestabilizadoras.

Mesmo diante de grupos em ambiente remoto, com pessoas bastante diferentes e completamente desconhecidas entre si, de lugares distintos e com experiências de perdas singulares, houve um forte vínculo em cada grupo. Assistimos à construção de sólidas redes de apoio, de acolhimento e solidariedade em meio à dor da perda, o que possibilitou que as pessoas revisitassem seus vínculos com os entes queridos, compartilhassem seus sentimentos e emoções, os acontecimentos que levaram aos óbitos e, assim, construísem significados para seus lutos. Muitos participantes diziam ter vivido outras perdas de pessoas significativas ao longo da vida, mas esse acontecimento, no contexto da covid-19, era algo totalmente diferente. Reconheciam que ao estarem em grupo com pessoas que tiveram essa experiência era algo que possibilitava identificações e trocas que não encontravam em outros espaços de convívio.

No encerramento de cada grupo era realizado um ritual, no qual foi possível construir um momento para celebrar o legado de cada ente querido. Como os enlutados não puderam realizar os funerais tal como costumeiramente era feito, esse último encontro era uma cerimônia que buscava resgatar a celebração da vida com palavras e abraços, ainda que virtuais, que não puderam ser dados no momento do funeral. Com música, fotos, objetos, poesias e brindes, os enlutados compartilhavam as memórias e as marcas de cada pessoa que permanecia em cada um. Foi confeccionado, ainda, um livro de memórias dos grupos, o qual foi enviado via correio para cada participante.

Importante destacar que, mesmo depois do encerramento dos grupos virtuais, os participantes seguiram se relacionando via aplicativo de conversas de mensagens. Após o período crítico da pandemia, alguns participantes organizaram encontros presenciais, nos quais puderam se conhecer pessoalmente em alguma cidade mais próxima entre si. E todo esse processo pós-encerramento dos grupos foi um movimento autogestionário, uma vez que os estagiários já não mais participavam das atividades, nem mediaram esses encontros presenciais. Avaliamos que isso é muito significativo, uma vez que a autonomia dos grupos é algo importante e desejável no processo de grupidades.

A tolerância, flexibilidade e convivência com as diferenças

Viver com outros, coletivamente ou em sociedade, é um grande desafio, ainda mais em momentos históricos em que se produzem o individualismo, o egoísmo e o narcisismo, esvaecendo a figura da alteridade. Com o advento das redes sociais, as grupalizações se tornaram mais diversificadas, sobretudo, quanto às suas dinâmicas, organizações, temporalidades e



espacialidades. Seja como for, as reuniões, associações ou interações em grupos, equipes, *times*, tribos, em qualquer outra modalidade, presenciais ou à distância, ao mesmo que trazem vantagens ou que são necessárias para a humanidade, são também problemáticas e podem causar danos e prejuízos individuais ou coletivos.

O que pudemos constatar nos grupos de enlutados com os quais trabalhamos na pandemia foram demonstrações de tolerância, flexibilidade e abertura para diferenças, bastante acentuadas, algo não muito comum em grupos convencionais. Conforme destaca Pichon-Rivière (1983), os grupos comumente criam depositários daquilo que tem dificuldades para admitir em si, como parte de sua produção. Por esse caminho defensivo, elege os conhecidos “bodes expiatórios” como forma de apaziguar seus fantasmas e manter a integridade grupal. Outro movimento comum é o de valer-se de “porta-voz” encarregado de enunciar conteúdos comuns, porém mantidos em estado de latência, sob sigilo e disfarces que minimizam ou evitam possíveis impactos de revelações de sentidos que exigem revisões de verdades estabelecidas ou de racionalizações encobridoras. Um fenômeno grupal corriqueiro é o aparecimento da figura do sabotador que, consciente ou inconscientemente, age contra a tarefa ou o objetivo do grupo. A liderança é uma importantíssima figura grupal. Pode ser exercida de forma pactuada, consensual ou pode ser imposta de maneira arbitrária e exercida de maneira autoritária. Em torno dela podem ocorrer disputas acirradas de poder, que sempre permeiam relações sociais.

Tais fenômenos apareceram nos grupos, porém de forma bem atenuada, sem prejudicar ou dificultar a realização da tarefa. Os papéis e funções de liderança, por exemplo, assim como outros, circularam pelos participantes sem que houvesse tentativas de fixação em um ou outro membro e sempre a serviço da coesão em torno do propósito comum. Cabe destacar que, à semelhança do que Maffesoli (2010) descreve como característica principal das tribos urbanas contemporâneas, o elemento unificador principal do grupo não foi propriamente a tarefa de elaboração racional da experiência do luto visando à minimização ou superação do sofrimento, mas sim a tarefa de compartilhamento de sentimentos e emoções que marcaram as experiências de perda. Os grupos se constituíram como comunidades afetivas/emocionais que davam acolhimento e suporte para a elaboração dos sentimentos de falta, perda e esvaziamento do sentido da vida. Não procuravam ali soluções racionais para os problemas que enfrentavam, mas sim o amparo afetivo/emocional para que caminhos singulares pudessem ser trilhados no compartilhamento de experiências comuns.

Os vínculos afetivo/emocionais garantiram a coesão e identificações com o grupo, bem como sua longevidade. Foram poucas as ocorrências de embates, divergências, confrontos entre os participantes que pudessem ameaçar a existência do grupo ou desistências e dissoluções. A relativa harmonia não soou como alguma medida defensiva para escamotear diferenças e manter a aparência de coesão, dada a situação de desamparo e sofrimento que acometia a todos, mas sim pela tolerância, flexibilidade e paciência na compreensão e no trato com o outro. Se, por um lado, a morte, na pandemia, produziu cisões, dispersões, embates e esgarçamentos de vinculações psicossociais já debilitadas, por outro, abriu caminho para buscas associativas, sentimento de solidariedade, de um estar junto em defesas coletivas da vida.

Considerações finais

A pandemia desfez estabilizações e normatizações psicossociais bastante arraigadas, forçando a criação de modos de vida e relacionamentos outros, capazes de responder, principalmente, ao desafio maior da pandemia: a irrupção avassaladora e massiva da morte e a desmontagem dos processos de morrer e de elaboração das perdas de vidas. Para além dos esforços coletivos que se tornaram mais visíveis e deixaram legados preciosos, tal como as tecnologias de aceleração de pesquisas e de produção de vacinas, ocorreram inúmeras iniciativas, em diversas áreas das ciências e das profissões e do campo dos saberes e das práticas populares, algumas de pequeno porte e alcance limitados, porém igualmente importantes enquanto criação de formas de enfrentamento de situações de crise.

No caso da Psicologia, a pandemia colocou a necessidade de algumas mudanças nas práticas psicoterápicas, assimilando o atendimento à distância que até então enfrentava algumas resistências dos profissionais e entidades de classe. Mudanças na legislação instituíram essa modalidade de atendimento que acabou por se manter no contexto pós-pandemia, adquirindo credibilidade e se expandindo consideravelmente até os dias atuais. O atendimento à distância proporcionou remodelações das tradicionais práticas presenciais, invenções e reflexões teóricas que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência e profissão.

A experiência aqui relatada pode ser considerada como uma, dentre tantas outras que contribuíram para as transformações da Psicologia, impulsionadas pela pandemia de covid-19, deixando legados que precisam ser levados adiante como indicadores de possibilidades de desenvolvimento do campo psi. O trabalho com grupos, ainda mais à distância, mostrou a potência desse tipo de encontro grupal como uma modalidade possível de atendimento na Psicologia.

Cabe destacar, ainda, a contribuição dessa experiência aqui relatada na formação dos alunos de graduação. Os estagiários e estagiárias que participaram desse projeto tiveram a oportunidade de tomar contato com o atendimento em grupo, que acabou sendo revitalizado em um contexto de predominância de atendimentos individuais, sobretudo no campo da Psicologia Clínica. A despeito de ser a primeira experiência de atendimento em grupo e à distância, assimilaram rapidamente a modalidade e contribuíram significativamente para o alcance dos objetivos dos grupos, auxiliando a coordenação em diferentes tarefas e funções. Como mais um legado desse período de grande desafio para a Psicologia, houve a ampliação da formação dos discentes mediante a apropriação de um instrumento de trabalho que pode ser utilizado em diferentes práticas e campos de atuação de psicólogas e psicólogos.

Por fim, vale mencionar que as estagiárias e estagiários participantes da experiência aqui relatada, após se graduarem como profissionais da Psicologia, se inseriram profissionalmente em práticas psi voltadas à área hospitalar, aos estudos e pesquisas sobre luto (em aprimoramentos e pós-graduação), ao trabalho com grupos em contextos de políticas públicas, especialmente nos diversos níveis de atenção em saúde. Os legados profissionais e humanos da experiência de escuta e acolhimento de pessoas enlutadas por covid-19 acompanham suas trajetórias.

Referências Bibliográficas

- Alves, M. R. T., Amaral, M. P., Bastos, C. A. de O. L., Britto, R. G., Camodego, G. de S., Ducharme, D. F. C., El Mann, A. M. S., Moraes, D. N., Moraes, P. L. M., Silva, D. M., & Silva, M. P. (2020). IGT na pandemia da covid-19: Apoio psicológico on-line em grupos abertos. *IGT na Rede*, 17(32), 78-100. <https://doi.org/10.5281/zenodo.15101807>
- Anouilh, J. (2009). *Antígona*. (S. Barbosa, Trad.) Editora da UnB.
- Araújo, P. H. F. (2024). Dissolução dos laços sociais mediados pelo valor: crise estrutural da sociedade do capital e o fim de seu processo civilizatório. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, 68, 133-166. <https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/1086>
- Arendt, H. (2016). *Entre o passado e o futuro*. Editora Perspectiva.
- Ariès, P. (2014). *O homem diante da morte*. Editora da Unesp.
- Bucciano do Rosário, A. (2019). Individualismo contemporâneo e novos arranjos subjetivos na perspectiva da Psicanálise. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 8(14), 1-15. <https://seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/3596/2208>
- Casellato, G. (2020). Posfácio: os lutos de uma pandemia. In G. Casellato (Org.). *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*.
- Correa, M. R. (2011). *Ensaio sobre a relação do homem com a morte*. [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis.
- Costa, A. A., Bussinguer E. C. A., Nascimento H. A. S., Felonta, S. M., Rohr, R. V. (2022). Diálogo visual sobre as implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida. *Revista M: estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 7(13), 199-227. <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/10481>
- Costa e Silva, T. F. & Araujo, A. C. da C. (2024). Grupo Conexões: acolhimento psicológico por meio de grupos virtuais durante a pandemia da covid-19. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, 30(1), 87-96. <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mu.v30n1p87-96>
- Dionísio, G. H. (2021). Catástrofe e luto, trauma e arte: imagens da pandemia. *Revista Espaço Acadêmico*, 20, 39-49. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57084>
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. n-1 Edições.
- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século XXI: uma compreensão abrangente do fenômeno*. Summus.
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas*. Cia. das Letras. [Trabalho original publicado em 1917].
- Gil, M., Oliveira-Cardoso, E. A., & Santos, M. A. (2023). Grupo multifamiliar em transtornos alimentares durante a primeira onda da pandemia de covid-19: Transição para a modalidade online. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 43. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003262262>

Gonçalves, A. (2020). Nem a morte nos reúne. *Communitas Think Tank*. <http://www.communitas.pt/ideia/nem-a-morte-nos-reune>

Han, B.-C. (2018). *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Editora Ayiné.

Justo, J. S., Correa, M. R., & Rozendo, A. S. (2021). *Envelhecimento e grupos: teoria e prática*. Editora CRV.

Kallas, A. L. O., Ferreira, L. R., Barbosa, M. C. C., & Rocha, T. H. R. (julho-dezembro, 2022). Grupo operativo em um CAPS durante a pandemia da covid-19: um relato de experiência. *Vínculo: Revista do NESME*, 19(2), 254-263.

Lopes, F. G., Lima, M. J. V., Arrais, R. H., & Amaral, N. D. (2021). A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de covid-19. *Psicologia USP*, 32, 1-13. <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/202497/186582>

Maffesoli M. (2010). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Forense Universitária.

Moura, F. C. (2020). Covid-19: Luto, morte e a sustentação do laço social. *Psicologia, Ciência e Profissão*. 40. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/d9mBr3GZfndZsRN6wtL7D9q>

Parkes, C. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. (3. ed.) (Maria Helena Franco Bromberg, Trad.). Summus.

Pichon-Rivière, E. (1983). *O processo grupal*. Martins Fontes.

Rodrigues, J. C. (2011). Imagens e significados da morte no Ocidente. In M. Goldenberg (Org.). *Corpo, Envelhecimento e Felicidade* (pp. 357-386). Civilização Brasileira.

Sola P. P. B., Oliveira-Cardoso, E. A., Santos, J. C., & Santos, M. A. (2021). Psicologia em tempos de covid-19: experiência de grupo terapêutico online. *Revista da SPAGESP*. 22(2), 73-88.

Stroebe, M. S., & Schut, H. (1999). The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death Studies*, 23(3), 197-224.

Worden, J. W. (2013). *Aconselhamento do luto e Terapia W luto: um manual para profissionais da saúde mental* (4 ed.). Roca.

Submetido em: 30 de maio de 2025

Aprovado em: 26 de outubro de 2025

